

## Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares

Miguel Freitas\* / António J. Santos\* / Olívia Ribeiro\* / Margarida Pimenta\*\* / Kenneth H. Rubin\*\*\*

\* William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; \*\* ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; \*\*\* Department of Human Development & Quantitative Methodology, University of Maryland, College Park, USA

As amizades na adolescência são fundamentais para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Porém, diferenças na qualidade da relação com um melhor amigo podem também estar associadas ao ajustamento psicossocial dos adolescentes. Este estudo procurou identificar diferentes perfis de qualidade de amizade, contrastando-os relativamente a dimensões positivas e negativas dessa relação, bem como ao ajustamento social dos adolescentes no grupo de pares. 821 participantes do 7º ano de escolaridade ( $M=13$  anos), reportaram a sua percepção da qualidade da melhor amizade e nomeações sociométricas permitiram aceder às dimensões do ajustamento social no grupo de pares. Uma análise hierárquica de clusters baseados nas dimensões positivas da qualidade de amizade permitiu identificar três tipos de perfis, nomeadamente de qualidade alta, média e baixa (QA, QM, QB), que se distinguiram significativamente na qualidade global e em todas as dimensões positivas da amizade: as amizades QA caracterizaram-se por mais companheirismo, validação, ajuda, suporte, intimidade e estratégias de resolução de conflitos, enquanto as amizades QB foram marcadas por valores inferiores nestas dimensões. Diferenças de sexo demonstraram que as raparigas experienciaram mais partilha de intimidade e validação e cuidado nas suas díades de amizade. Também nos aspectos negativos (conflitos e traições), as amizades QA se distinguiram por apresentarem níveis menos frequentes. Quanto ao ajustamento social, os adolescentes com amizades de alta qualidade foram considerados pelos pares como os menos socialmente retirados, excluídos e vitimizados, mas os mais pró-sociais e populares/sociáveis. Adolescentes com amizades de baixa qualidade foram caracterizados com valores opostos. Estes resultados mostram a importância da amizade neste período do desenvolvimento e permitem compreender, em particular, a influência da qualidade dessa relação no contexto social dos jovens.

**Palavras-chave:** Adolescência, Qualidade da amizade, Tipos de amizade, Grupo de pares, Ajustamento social.

### Introdução

A amizade é uma relação inerentemente diádica, próxima, mútua e voluntária (Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicz, 2005), resultante de diversas interconexões frequentes, fortes e bidireccionais que se prolongam no tempo (Laursen, 2005). Assim, a amizade deve ser reconhecida

---

A presente investigação foi financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia através dos projetos com as referências PTDC/PSI-PDE/098257/2008 e UID/PSI/04810/2013.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: António J. Santos, William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa, Portugal. E-mail: asantos@ispa.pt

pelos seus dois membros, pelo que deve existir uma história partilhada e um compromisso mútuo (Parker, Rubin, Erath, Wojslawowicz, & Buskirk, 2006). Por outro lado, o sentido de “igualdade” presente entre os amigos torna a amizade uma relação de natureza simétrica e horizontal. Deste modo, distingue-se de outras relações igualmente próximas (por exemplo, com os pais), mas cuja natureza é vertical (Bagwell & Schmidt, 2011). Por último, esta relação tem como motivação primária um afecto mútuo e recíproco, como a expectativa de que os amigos se apoiam um ao outro, divertem-se ou partilham sentimentos de proximidade e intimidade (Bagwell & Schmidt, 2011; Hartup & Stevens, 1997; Howes, 1983). A reciprocidade – particularmente do afecto – demarca esta relação de outras, como as que os adolescentes desenvolvem com o grupo de pares mais alargado (Rubin, Bukowski, & Bowker, 2015).

A amizade é, assim, uma experiência normativa e simultaneamente um contexto único de socialização (p.e., Parker & Asher, 1993; Torres, Santos, & Santos, 2008). As interações que as crianças e adolescentes têm com os seus amigos distinguem-se daquelas que experienciam com outros pares, por se caracterizarem por mais afecto positivo, diálogo e cooperação, maior responsividade ou por estratégias mais construtivas na resolução de discordâncias (Hartup, 1996; Newcomb & Bagwell, 1995, 1998; Simpkins & Parke, 2002).

Estas relações próximas oferecem ao indivíduo importantes contributos e provisões ao longo do desenvolvimento, como suporte, afecto, boa companhia, diversão, segurança emocional ou auxílio instrumental, conduzindo ao aumento da competência social, da auto-estima e de auto-percepções positivas (Berndt, 2004; Hartup, 1996; Selman, 1980; Sullivan, 1953; Youniss & Smollar, 1985). Possibilitam ainda oportunidades para a partilha íntima (um aspecto nuclear a partir da adolescência), bem como a validação consensual de interesses, esperanças e receios. Finalmente, as amizades estabelecem os protótipos para as futuras relações românticas, conjugais e parentais (Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998; Berndt, 2004; Furman & Buhrmester, 1985; Laursen & Mooney, 2005; Newcomb & Bagwell, 1995; Rubin et al., 2015; Rubin, Fredstrom, & Bowker, 2008; Sullivan, 1953; Youniss & Smollar, 1985). Em suma, a função mais importante da amizade será a de fornecer uma base de segurança extrafamiliar, a partir da qual a criança ou adolescente pode explorar os efeitos dos seus comportamentos em si próprio, nos seus pares e nos diversos contextos e ambientes (Rubin et al., 2005).

Na adolescência, as amizades assumem uma importância particular. A prioridade social deixa de ser a aceitação pelo grupo de pares, sendo substituída por uma emergente necessidade de intimidade interpessoal (isto é, de proximidade, empatia, amor e segurança), que é preenchida fundamentalmente por amigos do mesmo sexo (Bigelow, 1977; Sullivan, 1953; Youniss, 1980). Neste sentido, embora se verifique um aumento da rede social (Furman & Buhrmester, 1992; van Lieshout, Cillessen, & Haselager, 1999), regista-se também uma diminuição do número de amigos (Epstein, 1986). No entanto, estas amizades são mais estáveis (Berndt, Hawkins, & Hoyle, 1986) e, principalmente, caracterizadas por uma forma mais sofisticada de intimidade (Berndt, 2004; Sullivan, 1953; van Lieshout et al., 1999; Youniss & Smollar, 1985). Esta dimensão da intimidade, altamente saliente e investida, é combinada com expectativas de lealdade, autenticidade e compreensão empática (p.e., Berndt & Perry, 1986).

Assim, os jovens passam a recorrer mais aos amigos do que aos pais enquanto fontes de apoio e de aconselhamento em domínios específicos (Buhrmester & Furman, 1987; van Lieshout et al., 1999). Por outro lado, vão sendo também gradualmente mais valorizados aspectos como a reciprocidade, compromisso, confiança, simetria e igualdade (Furman & Buhrmester, 1992; Hartup, French, Laursen, & Johnston, 1993; Mendelson & Aboud, 1999).

Em conclusão, a literatura tem apresentado a amizade como um contexto fundamental, senão único, para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo (Laursen & Mooney, 2005; Newcomb & Bagwell, 1995; Rubin et al., 2008, 2015; Sullivan, 1953; Youniss & Smollar, 1985). A amizade estimula a aquisição de diversas competências, ao mesmo tempo que oferece várias provisões e

serve funções distintas. Deste modo, pode contribuir ou comprometer a forma como a criança ou o adolescente resolve as suas tarefas desenvolvimentais e, assim, pode estar associada ao ajustamento (ou desajustamento) psicossocial. Esta questão assume particular importância na adolescência, quando as principais tarefas desenvolvimentais consistem em encontrar um equilíbrio entre as relações com os pares e com os pais (isto é, maior intimidade com os primeiros e maior autonomia face aos últimos), bem como na construção da identidade (Bagwell & Schmidt, 2011; Berndt, 2004). Hartup (1996) sugeriu que, para compreender a importância das relações de amizade para o ajustamento, é necessário considerar três dimensões distintas: a participação em amizades, a identidade ou características dos amigos e ainda a qualidade da relação.

### *Qualidade da amizade e ajustamento social*

A definição de qualidade da amizade centra-se nas suas dimensões (isto é, nos seus atributos ou características) e na valência, positiva ou negativa, das mesmas (Berndt & McCandless, 2009; Vitaro, Boivin, & Bukowski, 2009). Neste sentido, os aspectos que constituem a qualidade da amizade são: (a) as funções da amizade, ou seja, os níveis de companheirismo, diversão, intimidade, partilha, auxílio e validação que caracterizam a relação; (b) o grau de conflito e desentendimento entre a díade; (c) as propriedades afectivas da relação, isto é, os laços afectivos que unem os amigos (Berndt, 2002; Hartup, 1996; Parker & Asher, 1993; Rubin et al., 2015).

Assim, uma amizade de elevada qualidade caracteriza-se por altos índices de comportamento pró-social, intimidade, lealdade, afecto, suporte e validação (Berndt, 2002). Estas dimensões, habitualmente, apresentam correlações fortes entre si, pelo que um valor elevado numa delas, como na intimidade, tende a reflectir-se em todas as restantes (Berndt & Keefe, 1995).

Pelo contrário, o conflito, a rivalidade e a assimetria/dominância consistem nos atributos de carácter negativo que são igualmente comuns entre amigos (Berndt & Perry, 1986; Hartup et al., 1993; Laursen, 1995). Com efeito, não há diferenças, entre díades de amigos e de não-amigos, nos níveis de envolvimento em conflitos. A diferença surge nas estratégias de resolução que as díades de amigos adoptam, na medida em que procuram, através da negociação, uma solução equitativa e que preserve a continuidade da relação (Hartup et al., 1993; Hartup & Laursen, 1989; Laursen, Finkelstein, & Betts, 2001; Newcomb & Bagwell, 1995; Tomada, Schneider, & Fonzi, 2002). Embora os conflitos e discordâncias sejam normativos no seio de uma amizade (p.e., Burk & Laursen, 2005; Simpkins & Parke, 2002), o impacto desta dimensão negativa parece variar em função da qualidade dessa relação. Nas amizades ricas, caracterizadas por suporte, o conflito tem um menor impacto negativo, podendo até ser considerado uma oportunidade para o crescimento da relação. Por outro lado, o conflito pode assumir um impacto mais nocivo nas amizades pobres, por estar associado a estratégias de resolução mais coercivas, o que pode até conduzir à dissolução da relação (ver Laursen & Pursell, 2009, para uma revisão). Nestes casos em que a amizade se pauta por frequentes e intensos conflitos, um padrão negativo de interacções sociais pode ser reforçado, alastrando-se assim às interacções com outros pares e adultos (Berndt, 2004).

As dimensões negativas da qualidade da amizade estão também habitualmente correlacionadas entre si (Berndt, 2002), mas a sua associação com os atributos positivos é inexistente ou fraca (Berndt & Keefe, 1995). Logo, de modo a obter uma representação mais precisa da qualidade das amizades, é fundamental contemplar não apenas as dimensões de valência positiva, mas também as de valência negativa, devendo ser consideradas separadamente (Berndt & McCandless, 2009).

O impacto da qualidade da amizade no ajustamento psicossocial, tanto concorrente como longitudinalmente, tem sido demonstrado de modo consistente. A participação em amizades de elevada qualidade está associada positivamente à sociabilidade e liderança (Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999; Cillessen, Jiang, West & Laszkowski, 2005), popularidade e desenvolvimento do ego (Allen, Porter, McFarland, Marsh, & McElhaney, 2005), sentimentos de auto-estima e bem-estar

(Gifford-Smith & Brownell, 2003; Hiatt, Laursen, Mooney, & Rubin, 2015), envolvimento nas actividades escolares e rendimento académico (Berndt & Keefe, 1995; Burk & Laursen, 2005).

Pelo contrário, verificam-se associações negativas a problemas de comportamento e externalização (Hiatt et al., 2015), sentimentos de solidão e depressão (Burk & Laursen, 2005; Nangle, Erdley, Newman, Mason, & Carpenter, 2003; Parker & Asher, 1993; Vanhalst, Luyckx, & Goossens, 2014; Waldrip, Malcolm, & Jensen-Campbell, 2008), agressividade física e relacional (Cillessen et al., 2005), vitimização (Card, Isaacs, & Hodges, 2009) ou retirada social (Rubin & Coplan, 2004).

### *Diferenças de sexo*

As relações de amizade até à adolescência continuam a ser maioritariamente entre crianças do mesmo sexo (p.e., Haselager, Hartup, van Lieshout, & Riksen-Walraven, 1998), embora comecem a desenhar-se importantes diferenças entre raparigas e rapazes. Por exemplo, as relações de amizade femininas parecem ocorrer em díades ou tríades, enquanto as masculinas têm lugar em grupos mais alargados (Maccoby, 1995).

Desta forma, relativamente às dimensões da qualidade da amizade, as raparigas caracterizam as suas relações mais próximas com níveis superiores de suporte emocional, partilha de intimidade, auto-revelação, validação e cuidado, ou resolução de conflitos (Buhrmester & Furman, 1987; Parker & Asher, 1993; Rose & Asher, 2004; Rubin & Coplan, 2004). No entanto, estudos longitudinais revelam que as trajectórias da qualidade da amizade nos rapazes são mais acentuadas, pelo que, no fim da adolescência, encontram-se no mesmo patamar do que as raparigas (Way & Greene, 2006). As díades femininas apresentam igualmente mais co-ruminação (isto é, discussão e especulação excessiva e repetida de problemas, com enfoque em sentimentos negativos) do que as masculinas (Rose, 2002). Assim, é possível que algumas das provisões da amizade sejam mais importantes para as raparigas do que para os rapazes e, do mesmo modo, que algumas dessas qualidades exerçam influência em diferentes medidas quando se pretende analisar a significância da amizade no desenvolvimento e no ajustamento psicossocial (Rose & Rudolph, 2006).

### *O presente estudo*

O primeiro objectivo deste estudo foi identificar tipos distintos de perfis de amizade na adolescência, através de uma análise de *clusters* baseada na percepção das dimensões positivas de qualidade da amizade. Esperamos encontrar grupos diferenciados que descrevam relações com níveis de qualidade altos, médios e baixos. A investigação sobre a amizade tende a utilizar uma abordagem centrada nas variáveis, que tipicamente procura descrever diferenças de médias e as suas associações com características individuais (Hiatt et al., 2015). É, assim, assumido que os processos estudados são comuns e transversais a toda a população. Pelo contrário, através de uma abordagem centrada no indivíduo, é possível identificar participantes semelhantes entre si, mas distintos de outros membros da população.

O segundo objectivo consistiu em testar se os perfis encontrados se distinguem na qualidade global da amizade, bem como nas dimensões de valência negativa desta relação. Esperamos que os perfis se caracterizem por níveis diferentes de qualidade global da amizade. No entanto, uma vez que as dimensões positivas e negativas da qualidade da amizade tendem a ser independentes, esperamos que os perfis não sejam distintos na percepção de conflitos no seio da relação.

O terceiro objectivo do estudo consistiu em explorar a associação entre os perfis de amizade e o ajustamento social dos adolescentes. Esperamos que os adolescentes que relatam maior qualidade da amizade se caracterizem por maior ajustamento do que os adolescentes que relatam baixa qualidade na sua relação de amizade.

Por fim, tendo em mente as especificidades de género nas relações de amizade ao longo do desenvolvimento, possíveis diferenças de sexo serão também exploradas.

## Método

### *Participantes*

A amostra foi constituída por 821 jovens adolescentes (426 do sexo feminino), estudantes do 7º ano em duas escolas públicas da Zona Metropolitana de Lisboa. A idade média dos participantes foi de 13 anos ( $DP=1.14$ ). As turmas nas quais estavam inseridos tinham uma dimensão média de 24 alunos ( $DP=2.23$ ). Embora não tenha sido recolhida informação relativa ao estatuto socioeconómico dos participantes ou das suas famílias, os pais indicaram que, em média, as suas habilitações académicas se situavam no 9º ano de escolaridade.

### *Medidas*

*Qualidade da amizade.* A qualidade da relação com o melhor amigo foi medida por auto-relato, utilizando o *Friendship Quality Questionnaire* (FQQ; Parker & Asher, 1993). Este questionário de auto-preenchimento é composto por 40 itens que se agrupam em cinco subescalas de valência positiva: *Companheirismo e Recreação* (5 itens; p.e., “fazemos coisas muito divertidas”); *Validação e Cuidado* (7 itens; p.e., “fazemos com que cada um de nós se sinta importante e especial”); *Partilha de Intimidade* (5 itens; p.e., “contamos um ao outro os nossos problemas”); *Ajuda e Orientação* (9 itens; p.e., “ajudamo-nos com o trabalho da escola”); e *Resolução de Conflitos* (3 itens; p.e., “se estamos zangados um com o outro, falamos sempre do que poderíamos fazer para nos sentirmos melhor”); e uma de valência negativa: *Conflito e Traição* (7 itens; p.e., “brigamos muito”). Uma vez que as dimensões positivas do FQQ se encontram altamente correlacionadas ( $r=.56 - .79$ ), é possível calcular um score de *Qualidade Global da Amizade* para cada participante, tal como em estudos anteriores (Fordham & Stevenson-Hinde, 1999; Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006). Os valores de consistência interna (alfas de Cronbach) situaram-se entre .74 (Resolução de Conflitos) e .95 (Qualidade Global da Amizade). Esta estrutura foi previamente validada e confirmada numa amostra de adolescentes (Freitas, Santos, Correia, Ribeiro, & Fernandes, 2013). Os participantes deviam classificar, numa escala de tipo Likert (1=nada verdadeiro; 5=muito verdadeiro), em que medida cada afirmação caracterizava a relação com o seu melhor amigo. Valores mais elevados nas dimensões positivas indicam maior percepção de qualidade na amizade. Os itens da dimensão Conflito e Traição foram inversamente cotados, pelo que valores mais elevados reflectem ausência desta dimensão negativa na relação.

*Ajustamento social.* Os participantes completaram a versão portuguesa do *Extended Class Play* (ECP; Burgess, Wojslawowicz, Rubin, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2006). Os adolescentes foram instruídos para imaginarem ser os encenadores de uma peça de teatro, para a qual deveriam escolher, entre os seus colegas de turma que participavam no estudo, um rapaz e uma rapariga que melhor desempenhariam cada um dos 37 papéis positivos e negativos. Tal como em estudos anteriores (e.g., Rubin et al., 2006; Zeller, Vannatta, Schafer, & Noll, 2003), apenas nomeações entre jovens do mesmo sexo foram consideradas, de modo a eliminar possíveis enviesamentos por estereótipos de género. As nomeações recebidas por cada participante foram somadas e depois estandardizadas para o sexo e para a turma, de modo a corrigir diferenças na dimensão das turmas

(Cillessen, 2009). Por fim, foram calculados os compósitos através da média dos scores estandardizados de cada item.

O ECP tem sido amplamente utilizado na investigação sobre o comportamento e ajustamento social de crianças e adolescentes, sendo considerado altamente fiável uma vez que se baseia nas nomeações feitas pelo grupo de pares da criança/jovem (ver Cillessen, 2009; Rubin et al., 2015, para revisões). O ECP foi validado em diferentes contextos culturais (p.e., Bowker & Raja, 2011; Rubin et al., 2006). Em Portugal, a estrutura de 6 factores proposta por Menzer e colaboradores (Menzer, Oh, McDonald, Rubin, & Dashiell-Aje, 2010) foi suportada por Correia, Santos, Freitas, Rosado e Rubin (2014): *Retirada-ansiosa* (3 itens, p.e.: “Muito tímido”); *Agressividade* (6 itens, p.e.: “Entra em muitas brigas”); *Exclusão pelos pares* (3 itens, p.e.: “frequentemente excluído”); *Vitimização pelos pares* (3 itens, p.e.: “frequentemente ofendido/insultado”); *Comportamento pró-social* (4 itens, p.e.: “Ajuda os outros”); *Popularidade/sociabilidade* (4 itens, p.e.: “Tem muitos amigos”). Os valores de consistência interna (alfas de Cronbach) situaram-se entre .77 (Popularidade/sociabilidade) e .87 (Vitimização).

### *Procedimento*

As Direcções das duas escolas foram contactadas e, de modo a obter a sua autorização para a recolha dos dados, foram-lhes apresentados os objectivos e procedimentos do estudo. Após a aprovação por parte das Direcções, em conformidade com as recomendações da Comissão de Ética para a Investigação Clínica (Vale & Oliveira, s.d.), foi pedido o consentimento informado por escrito aos pais/guardiões legais de todos os adolescentes para participarem no estudo. Os participantes foram informados dos objectivos e procedimentos do estudo, da natureza voluntária da sua participação e da confidencialidade das suas respostas. Assistentes de investigação treinados administraram uma bateria de questionários, em formato de grupo, nas salas-de-aula. Cada sessão teve a duração aproximada de 90 minutos. Os adolescentes não-participantes (i.e., para quem não se obteve assentimento ou consentimento parental [ $<10\%$ ]) permaneceram na sala-de-aulas durante as sessões de recolha de dados, a realizar tarefas atribuídas pelo professor.

## **Resultados**

### *Plano de análise dos dados*

Todas as análises estatísticas foram efectuadas com recurso ao SPSS *Statistics* (v. 22, IBM SPSS, Chicago, IL). Com o objectivo de identificar diferentes tipos de perfis de adolescentes, agrupando-os em função da sua percepção das dimensões positivas da qualidade da amizade, foi efectuado um procedimento em fases sucessivas (Hair & Black, 2000). Em primeiro lugar, realizou-se uma análise de *Clusters* hierárquica de casos para obtenção de uma solução inicial, utilizando a distância euclidiana das observações individuais e o método Ward para constituir os *clusters*. A solução encontrada foi baseada nas distâncias reescaladas do dendograma, na percentagem de mudança em cada passo da análise de *clusters* e em critérios conceptuais. De seguida, aplicou-se o método de agrupamento não hierárquico (*k-means*) de casos para otimizar a distribuição dos participantes em cada *cluster*.

Para se proceder à análise das diferenças entre os perfis constituídos em função das variáveis em estudo, recorreu-se à análise multivariada de variância (MANOVA) e, na presença de efeitos multivariados significativos, às análises univariadas de variância (ANOVA), seguidas de testes *post-hoc* (Tukey) para avaliar quais os perfis que se diferenciavam entre si.

*Perfis de amizade e dimensões positivas da qualidade da amizade*

Foram identificados três perfis de adolescentes com base nas dimensões positivas da qualidade da amizade (Tabela 1): Perfil de Qualidade Alta (QA), composto por adolescentes com valores, em média, superiores na qualidade da amizade ( $n=348$ ); Perfil de Qualidade Média (QM), composto por adolescentes que reportam valores na qualidade da amizade médios ( $n=326$ ); Perfil de Qualidade Baixa (QB), referente a adolescentes com os valores médios inferiores na qualidade da amizade ( $n=147$ ).

Tabela 1

*Comparação das dimensões positivas de qualidade da amizade em função dos perfis de amizade e do sexo*

	Perfis			Sexo		ANOVAs						
	Perfil QA ( $n=348$ )	Perfil QM ( $n=326$ )	Perfil QB ( $n=147$ )	Rapazes	Raparigas	Efeito do perfil			Efeito do sexo			
	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	$\eta^2_p$	<i>Post-Hoc</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	$\eta^2_p$
Companheirismo e recreação	4.10 (.61)	3.21 (.70)	2.31 (.65)	3.29 (.92)	3.56 (.92)	374.18	.00	.48	QA<QM*** QM<QB***	.64	.42	.00
Validação e cuidado	4.35 (.51)	3.69 (.62)	2.40 (.59)	3.50 (.92)	3.95 (.82)	517.83	.00	.56	QA<QM*** QM<QB***	8.19	.00	.01
Ajuda e orientação	4.45 (.48)	3.49 (.62)	2.25 (.64)	3.47 (1.01)	3.87 (.90)	720.71	.00	.64	QA<QM*** QM<QB***	.18	.67	.00
Partilha de intimidade	4.61 (.45)	3.64 (.75)	1.94 (.60)	3.37 (1.13)	4.09 (1.02)	926.56	.00	.70	QA<QM*** QM<QB***	20.74	.00	.03
Resolução de conflito	4.55 (.48)	3.53 (.87)	2.52 (.95)	3.58 (1.10)	3.97 (.97)	353.86	.00	.47	QA<QM*** QM<QB***	1.99	.16	.00

*Nota.* QA=perfil de Qualidade Alta; QM=perfil de Qualidade Média; QB=perfil de Qualidade Baixa. \*\*\* $p<.001$ ; \*\* $p<.01$ .

A análise multivariada de variância (MANOVA) 3 (perfis de amizade) x 2 (sexo), relativa a todas as dimensões positivas de qualidade da amizade, revelou um efeito principal significativo para o perfil de amizade [ $V=.88, F(10,821)=128.62, p<.000, \eta^2_p=.44, \pi=1.00$ ] e para o sexo [ $V=.03, F(5,821)=5.29, p<.000, \eta^2_p=.03, \pi=.99$ ], assim como um efeito de interação entre os dois factores [ $V=.03, F(10,821)=2.38, p<.009, \eta^2_p=.01, \pi=.94$ ].

A análise de variância univariada revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas para todas as dimensões positivas da qualidade da amizade: Companheirismo e Recreação [ $F(2,821)=374.18, p<.001$ ], Validação e Cuidado [ $F(2,821)=517.83, p<.001$ ], Ajuda e Orientação [ $F(2,821)=720.71, p<.001$ ], Partilha de Intimidade [ $F(2,821)=926,56, p<.001$ ] e Resolução de Conflitos [ $F(2,821)=353,86, p<.001$ ]. A análise *post-hoc* (Tukey) demonstrou que os três grupos constituídos com base nos perfis de amizade se diferenciaram entre si, de forma estatisticamente significativa, em todas as dimensões positivas da qualidade da amizade ( $p<.000$ ).

Estes resultados confirmam que os agrupamentos constituídos comportam adolescentes com perfis estatisticamente diferentes relativamente à qualidade positiva da amizade. Assim, os adolescentes do perfil QA foram aqueles que reportaram valores superiores em todas as dimensões positivas, descrevendo maior companheirismo, validação, ajuda, intimidade e melhores estratégias de resolução de conflitos. Por oposição, os adolescentes do perfil QB reportaram os valores mais reduzidos nas mesmas dimensões positivas, enquanto o perfil QM reportou valores intermédios.

Relativamente ao efeito do factor sexo, verificou-se que as raparigas reportaram valores médios significativamente superiores aos rapazes nas dimensões Validação e Cuidado [ $F(1,821)=8.19$ ,  $p<.01$ ] e Partilha de Intimidade [ $F(1,821)=20.74$ ,  $p<.00$ ].

Quanto ao efeito de interacção verificado entre o perfil de qualidade da amizade e o sexo, constatou-se que, para a dimensão Partilha de Intimidade [ $F(2,821)=10.32$ ,  $p<.000$ ], as raparigas do perfil QB indicaram valores significativamente superiores aos rapazes. Nos restantes perfis, não se verificaram diferenças de sexo significativas.

#### *Perfis de amizade, qualidade global da amizade e conflito e traição*

De seguida, foram exploradas as diferenças entre os três perfis de amizade na Qualidade Global da Amizade e na dimensão Ausência de Conflito e Traição (Tabela 2). Foi realizada uma MANOVA 3 (perfil de amizade) x 2 (sexo), que revelou efeitos principais estatisticamente significativos para o perfil de amizade [ $V=.86$ ,  $F(2,821)=63.13$ ,  $p<.000$ ,  $\eta^2_p=.43$ ,  $\pi=1.00$ ] e para o sexo [ $V=.04$ ,  $F(1,821)=3.39$ ,  $p<.05$ ,  $\eta^2_p=.04$ ,  $\pi=.76$ ]. Não foram encontrados efeitos de interacção estatisticamente significativos [ $V=.03$ ,  $F(2,821)=1.18$ ,  $p=.32$ ,  $\eta^2_p=.01$ ,  $\pi=.47$ ].

Tabela 2

*Comparação das dimensões Qualidade Global da Amizade e Conflito e Traição em função dos perfis de amizade e do sexo*

	Perfis			Sexo		ANOVAs						
	Perfil QA (n=348)	Perfil QM (n=326)	Perfil QB (n=147)	Rapazes	Raparigas	Efeito do perfil			Efeito do sexo			
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p	$\eta^2_p$	Post-Hoc	F	p	$\eta^2_p$
Qualidade global da amizade	4.42 (.32)	3.51 (.36)	2.35 (.51)	3.51 (.88)	3.85 (.75)	485.16	.00	.79	QA<QM*** QM<QB***	3.66	.06	.01
Conflito e traição (ausência de)	4.42 (.64)	4.00 (.80)	4.28 (.70)	4.14 (.76)	4.30 (.72)	9.25	.00	.07	QA<QM*** QM<QB***	2.05	.15	.01

Nota. QA=perfil de Qualidade Alta; QM=perfil de Qualidade Média; QB=perfil de Qualidade Baixa. \*\*\* $p<.001$ ; \*\* $p<.01$ .

A análise de variância univariada revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas, em função dos perfis, para a Qualidade Global da Amizade [ $F(2,821)=485.16$ ,  $p<.000$ ] e para a dimensão de Ausência de Conflito e Traição [ $F(2,821)=9.25$ ,  $p<.000$ ]. Relativamente à Qualidade Global da Amizade, a análise *post-hoc* (Tukey) permitiu verificar que os três perfis de amizade se diferenciaram (sempre  $p<.001$ ): o perfil QA apresentou valores significativamente superiores aos dos restantes perfis e o perfil QB registou valores significativamente inferiores, confirmando o padrão anteriormente obtido na análise das dimensões positivas da qualidade da amizade.

Embora a análise multivariada tenha revelado um efeito principal estatisticamente significativo relativo ao sexo, a análise univariada apenas revelou um efeito marginalmente significativo [ $F(1,821)=3.66$ ,  $p=.06$ ], sugerindo que as raparigas registaram uma Qualidade Global da Amizade tendencialmente superior à dos rapazes.

Quanto à dimensão de Ausência de Conflito e Traição, verificou-se que o Perfil QA se distinguiu de modo estatisticamente significativo do Perfil QM ( $p<.000$ ), por apresentar níveis menos frequentes de conflito. Ao contrário da análise multivariada, a análise univariada não revelou efeitos do sexo nesta dimensão.



*Perfis de amizade e ajustamento social*

Para verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas no ajustamento social dos adolescentes em função dos perfis de amizade e do sexo dos participantes (Tabela 3), foi efectuada uma MANOVA 3 (perfis de amizade) x 2 (sexo). Esta análise revelou a existência de um efeito principal estatisticamente significativo relativo aos perfis de amizade [ $V=.06$ ,  $F(12,699)=3.29$ ,  $p<.000$ ,  $\eta^2_p=.03$ ,  $\pi=1.00$ ] e um efeito de interacção [ $V=.03$ ,  $F(12,699)=1.85$ ,  $p<.05$ ,  $\eta^2_p=.02$ ,  $\pi=.90$ ]. Não foi encontrado nenhum efeito principal estatisticamente significativo relativo ao sexo [ $V=.01$ ,  $F(12,699)=.72$ ,  $p<.63$ ,  $\eta^2_p=.01$ ,  $\pi=.29$ ].

Tabela 3

*Comparação das dimensões do ajustamento social em função dos perfis de amizade e do sexo*

	Perfis			Sexo		ANOVAS						
	Perfil QA (n=348)	Perfil QM (n=326)	Perfil QB (n=147)	Rapazes	Raparigas	Efeito de grupo			Efeito de interacção			
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p	$\eta^2_p$	Post-Hoc	F	p	$\eta^2_p$
Agressividade	.03 (.67)	.01 (.67)	.06 (.71)	.04 (.69)	.01 (.67)	.34	.71	.00		.42	.66	.00
Retirada ansiosa	-.03 (.75)	.06 (.87)	.27 (1.08)	.05 (.86)	.06 (.88)	7.17	.00	.02	QA<QB***	3.41	.03	.01
Exclusão	-.06 (.78)	.04 (.80)	.32 (1.03)	.07 (.87)	.03 (.83)	11.08	.00	.03	QA<QB*** QM<QB***	4.14	.02	.01
Vitimização	-.04 (.83)	.06 (.85)	.34 (1.06)	.06 (.91)	.07 (.87)	9.02	.00	.03	QB<QM*** QB<QA***	.75	.47	.00
Comportamento pró-social	.21 (.75)	.05 (.68)	-.04 (.73)	.08 (.72)	.13 (.73)	7.63	.00	.02	QA<QM*** QA<QB***	3.98	.02	.01
Popularidade/ sociabilidade	.18 (.79)	.09 (.74)	-.06 (.63)	.10 (.75)	.10 (.75)	5.22	.00	.02	QA<QB***	.63	.53	.00

Nota. QA=perfil de Qualidade Alta; QM=perfil de Qualidade Média; QB=perfil de Qualidade Baixa. \*\*\* $p<.001$ ; \*\* $p<.01$ .

As análises de variância univariadas permitiram revelar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os perfis de amizade nas dimensões Retirada Ansiosa [ $F(2,699)=7.17$ ,  $p<.001$ ], Exclusão [ $F(2,699)=11.08$ ,  $p<.000$ ], Vitimização [ $F(2,699)=9.02$ ,  $p<.000$ ], Comportamento Pró-social [ $F(2,699)=7.63$ ,  $p<.001$ ] e Popularidade/Sociabilidade [ $F(2,699)=5.22$ ,  $p<.006$ ]. Não foram encontradas diferenças na dimensão da Agressividade [ $F(2,699)=.34$ ,  $p=.71$ ].

A análise *post-hoc* (Tukey) permitiu verificar que os adolescentes do perfil QA foram os que apresentaram valores significativamente inferiores nas dimensões Retirada Ansiosa, Exclusão e Vitimização, bem como valores significativamente superiores nas dimensões Comportamento Pró-social e Popularidade/Sociabilidade. Por oposição, os adolescentes do perfil QB apresentaram os valores mais elevados nas dimensões Retirada Ansiosa, Exclusão e Vitimização e valores mais baixos nas dimensões Comportamento Pró-social e Popularidade/Sociabilidade. Os adolescentes do perfil QM foram considerados significativamente menos excluídos e vitimizados do que os seus pares do perfil QB mas, por outro lado, significativamente menos pró-sociais do que os jovens do perfil QA.

Por fim, os efeitos de interacção encontrados revelaram-se, segundo as análises univariadas, nas dimensões Retirada Ansiosa [ $F(2,699)=3.41$ ,  $p<.05$ ], Exclusão [ $F(2,699)=4.14$ ,  $p<.05$ ] e Comportamento Pró-social [ $F(2,699)=3.98$ ,  $p<.05$ ]. Particularmente, as raparigas do perfil QB foram consideradas pelos pares como mais retiradas e excluídas e, pelo contrário, menos pró-sociais.

## Discussão

A presente investigação teve como principais objectivos: (1) identificar diferentes perfis de qualidade de amizade (com base na percepção que os adolescentes têm das dimensões positivas de qualidade da sua melhor amizade); (2) analisar diferenças entre os perfis identificados nas várias dimensões qualitativas, de valência positiva e negativa, dessa relação; e (3) verificar em que medida o ajustamento social desses adolescentes (reportado pelos seus pares) variava em função dos perfis encontrados, assim como do sexo dos participantes do estudo.

Os resultados foram consistentes com a nossa hipótese, demonstrando a existência de três perfis distintos de qualidade de amizade: um perfil com alta qualidade de amizade, outro com baixa qualidade de amizade e um terceiro, com valores intermédios. Os resultados mostraram que os três perfis identificados se distinguiam significativamente entre si em todas as dimensões positivas de qualidade da amizade: companheirismo e recreação, validação e cuidado, ajuda e orientação, partilha de intimidade e resolução de conflitos – e, assim, também na percepção de qualidade global da relação. Particularmente, os adolescentes que reportam melhor qualidade de amizade apresentaram valores significativamente superiores em todos os aspectos qualitativos da relação; enquanto os que reportaram baixa qualidade de amizade apresentaram valores significativamente inferiores nestas dimensões; por fim, os jovens que reportaram uma amizade de qualidade média apresentaram valores igualmente intermédios nas mesmas dimensões.

Estes resultados confirmam que as relações de amizade em que os adolescentes participam podem ser qualitativamente distintas entre si, contribuindo para um conjunto de evidência que sugere que as amizades de elevada qualidade são caracterizadas por altos índices de intimidade, lealdade, afecto, suporte e reciprocidade (Berndt, 2002; Hartup, 1996; Hiatt et al., 2015). A existência destas provisões indica que os adolescentes podem beneficiar, no seio de uma relação próxima com um par específico, de um contexto onde sentem a segurança emocional para a partilha íntima e validação consensual de interesses, esperanças e receios (Berndt, 2004; Hartup, 1996; Rubin et al., 2015; Selman, 1980; Sullivan, 1953; Youniss & Smollar, 1985). Assim, uma amizade rica e de qualidade pode oferecer uma base de segurança, distinta da família, que permite ao adolescente explorar os efeitos dos seus comportamentos em si próprio, nos seus pares e nos diversos contextos e ambientes (Rubin et al., 2005).

No caso das raparigas, parece haver diferenças na percepção que têm de algumas dimensões da relação. Em comparação com as díades masculinas, as amizades entre as raparigas foram mais marcadas por validação e cuidado, bem como por maior partilha de intimidade. Estes resultados são também consistentes com a literatura, segundo a qual as raparigas estão envolvidas em relações próximas com níveis superiores de suporte emocional, intimidade, auto-revelação e validação (Buhrmester & Furman, 1987; Parker & Asher, 1993; Rose & Asher, 2004; Rubin et al., 2004). Com efeito, o elemento central da amizade na adolescência é a intimidade (Berndt, 2004; Sullivan, 1953; van Lieshout et al., 1999; Youniss & Smollar, 1985), que parece ocorrer mais facilmente em pequenas redes de dois ou três elementos, características das raparigas, do que nos grupos mais alargados onde os rapazes circulam (Maccoby, 1995). Este resultado deve ser lido com cautela, porém, uma vez que estudos longitudinais revelam que estas diferenças poderão ser atenuadas ou mesmo eliminadas no fim da adolescência (Way & Greene, 2006).

A qualidade da amizade não compreende apenas aspectos positivos (Berndt, 2002; Hartup, 1996). Amizades pobres, caracterizadas por baixa proximidade, intimidade e suporte, estão associadas a interações negativas na díade que comprometem a sua continuidade no tempo, podendo conduzir a maior vulnerabilidade e dificuldades intrapessoais (Bagwell & Schmidt, 2011; Hiatt et al., 2015; Parker & Asher, 1993; Rubin et al., 2015). Por outro lado, as discordâncias, disputas e conflitos são inevitáveis nas interações entre amigos e promovem oportunidades para desenvolver e praticar

competências na resolução de conflitos. Contrariamente à nossa hipótese, os nossos resultados sugerem que os adolescentes com um perfil de alta qualidade da amizade reportaram menor frequência de conflito e traição entre a díade do que os adolescentes com amizades de qualidade média. Com a passagem para a adolescência, as relações de amizade evoluem, tornando-se mais sofisticadas e ajustando-se às expectativas acerca dos amigos e às experiências com os estes – que incluem a construção de intimidade, proximidade, lealdade, confiança, fiabilidade e resolução de conflitos (Rubin et al., 2015). Quando dois amigos discordam, ambos são confrontados directamente com o facto de que os outros podem ver o mundo de forma diferente, de que a perspectiva do próprio pode não ser a mais correcta, que a felicidade de um amigo pode ser importante, entre outros aspectos. Assim, o conflito pode promover o conhecimento social, criando oportunidades para a tomada de perspectiva e a consciência de que os comportamentos e objectivos dos outros interessam (Bagwell & Schmidt, 2011). Desta forma, talvez por recorrerem a formas mais competentes e construtivas de resolver as suas discordâncias, os adolescentes que participam em amizades ricas podem ter uma percepção dos conflitos como menos intensos, negativos e nocivos (p.e., Burk & Laursen, 2005).

Confirmando a nossa expectativa, os nossos resultados demonstraram também que a qualidade da amizade estava associada ao ajustamento social dos adolescentes no grupo de pares. Os adolescentes com perfil de elevada qualidade de amizade foram considerados pelo grupo como menos retirados socialmente, menos excluídos e vitimizados pelos pares. Foram ainda caracterizados como mais pró-sociais e populares/sociáveis. Pelo contrário, os adolescentes envolvidos em amizades de baixa qualidade foram considerados pelos pares como mais socialmente retirados, excluídos e vitimizados, bem como menos pró-sociais e populares. Esta associação entre a qualidade da amizade e o ajustamento é consistente com a literatura, por exemplo, relativamente à popularidade (Allen et al., 2005), auto-estima e bem-estar (Gifford-Smith & Brownell, 2003; Hiatt et al., 2015), envolvimento académico (Burk & Laursen, 2005), ou vitimização (Card et al., 2009), retirada social (Rubin & Coplan, 2004), problemas de comportamento (Hiatt et al., 2015), sentimentos de solidão e depressão (Burk & Laursen, 2005; Nangle et al., 2003; Parker & Asher, 1993; Vanhalst et al., 2014; Waldrip et al., 2008). Desta forma, os nossos resultados suportam a proposta de Sullivan (1953) sobre o papel único que uma amizade próxima e rica assume para o ajustamento socio-emocional e para o bem-estar. Uma relação de alta qualidade pode melhorar a perspectiva que os adolescentes têm dos seus pares (e vice-versa), ajudando-os a terem mais contactos positivos com os pares, que podem, por sua vez, conduzir a relações positivas. Desta forma, uma amizade de qualidade poderá influenciar diversas facetas do comportamento social e do ajustamento dos adolescentes (Berndt, 2002; Rubin et al., 2015).

No entanto, o carácter transversal do delineamento deste estudo não permite inferir que a amizade contribui para o ajustamento social. Tal como Hiatt e colaboradores (2015) sugerem, diferenças no ajustamento dos adolescentes em função da qualidade das suas relações de amizade podem ser produto de efeitos de socialização: indivíduos com dificuldades de ajustamento tendem a seleccionar-se entre si como amigos (p.e., Haselager et al., 1998; Rubin et al., 2006) e as suas relações tendem a caracterizar-se por baixos índices de suporte e/ou alta negatividade (Poulin, Dishion, & Haas, 1999).

Outra limitação do presente trabalho foi o facto de termos estudado a qualidade da amizade a partir de uma perspectiva meramente individual, quando a relação é inerentemente diádica. Assim, seria interessante considerar a percepção de ambos os membros da díade, considerando também em que medida essas percepções são ou não convergentes. Estudos futuros deverão ultrapassar estas limitações metodológicas, utilizando delineamentos longitudinais e abordagens multi-método e multi-informantes.

Porém, o presente estudo permitiu, através de uma abordagem centrada no indivíduo, confirmar o que outras abordagens apenas sugeriam: os adolescentes desenvolvem relações próximas que variam nos seus aspectos qualitativos. A identificação de perfis relacionais distintos, dentro da

mesma população, demonstrou igualmente uma relação com diferentes dimensões do funcionamento social, dando suporte a um modelo transaccional das relações sociais em que diferentes níveis de complexidade (p.e., díade e grupo) se interligam.

## Referências

- Allen, J., Porter, M., McFarland, F., Marsh, P., & McElhane, K. (2005). The two faces of adolescents' success with peers: Adolescent popularity, social adaptation, and deviant behavior. *Child Development, 76*, 747-760. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00875.x
- Bagwell, C. L., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child Development, 69*, 140-153. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06139.x
- Bagwell, C. L., & Schmidt, M. E. (2011). *Friendships in childhood and adolescence*. New York, NY: Guilford Publications.
- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current Directions in Psychological Science, 11*, 7-10. doi: 10.1111/1467-8721.00157
- Berndt, T. J. (2004). Children's friendships: Shifts over a half-century in perspectives on their development and their effects. *Merrill Palmer Quarterly Journal of Developmental Psychology, 50*, 206-223.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Hoyle, S. G. (1986). Changes in friendship during a school year: Effects on children's and adolescents' impressions of friendship and sharing with friends. *Child Development, 57*, 1284. doi: 10.1111/1467-8624.ep7250351
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Jiao, Z. (1999). Influences of friends and friendships on adjustment to junior high school. *Merrill-Palmer Quarterly: Journal of Developmental Psychology, 45*, 13-41.
- Berndt, T. J., & Keefe, K. (1995). Friends' influence on adolescents' adjustment to school. *Child Development, 66*, 1312-1329. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00937.x
- Berndt, T. J., & McCandless, M. A. (2009). Methods for investigating children's relationships with friends. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 63-81). New York, NY: Guilford Press.
- Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1986). Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental Psychology, 22*, 640-648. doi: 10.1037/0012-1649.22.5.640
- Bigelow, B. J. (1977). Children's friendship expectations: A cognitive-developmental study. *Child Development, 48*, 246-253. doi: 10.1111/1467-8624.ep10439639
- Bowker, J. C., & Raja, R. (2011). Social withdrawal subtypes during early adolescence in India. *Journal of Abnormal Child Psychology, 39*, 201-212. doi: 10.1007/s10802-010-9461-7
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development, 58*, 1101-1113. doi: 10.1111/1467-8624.ep8590161
- Burgess, K. B., Wojslawowicz, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2006). Social information processing and coping strategies of shy/withdrawn and aggressive children: Does friendship matter?. *Child Development, 77*, 371-383. doi: 10.1111/j.1467-8624.2006.00876.x
- Burk, W. J., & Laursen, B. (2005). Adolescent perceptions of friendship and their associations with individual adjustment. *International Journal of Behavioral Development, 29*, 156-164. doi: 10.1080/01650250444000342
- Card, N. A., Isaacs, J., & Hodges, E. V. E. (2009). Aggression and victimization in children's peer groups: A relationship perspective. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Feeling hurt in close relationships* (pp. 235-259). New York, NY: Cambridge University Press.

- Cillessen, A. H. N. (2009). Sociometric methods. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 82-99). New York, NY: Guilford Press.
- Cillessen, A. H. N., Jiang, X. L., West, T. V., & Laszkowski, D. K. (2005). Predictors of dyadic friendship quality in adolescence. *International Journal of Behavioral Development, 29*, 165-172. doi: 10.1080/01650250444000360
- Correia, J. V., Santos, A. J., Freitas, M., Rosado, A., & Rubin, K. H. (2014). Análise fatorial confirmatória do Extended Class Play numa amostra portuguesa de pré-adolescentes e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*, 462-471. doi: 10.1590/1678-7153.201427306
- Epstein, J. L. (1986). Friendship selection: Developmental and environmental influences. In E. Mueller & C. Cooper (Eds.), *Process and outcome in peer relationships*. New York, NY: Academic Press.
- Fordham, K., & Stevenson-Hinde, J. (1999). Shyness, friendship quality, and adjustment during middle childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 40*, 757-768. doi: 10.1111/1469-7610.00491
- Freitas, M., Santos, A. J., Correia, J. V., Ribeiro, O., & Fernandes, E. (2013). Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa. *Revista Laboratório de Psicologia, 11*, 163-175.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology, 21*, 1016-1024. doi: 10.1111/1467-8624.ep7251652
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development, 63*, 103. doi: 10.1111/1467-8624.ep9203091729
- Gifford-Smith, M. E., & Brownell, C. A. (2003). Childhood peer relationships: Social acceptance, friendships, and peer networks. *Journal of School Psychology, 41*, 235-284. doi: 10.1016/s0022-4405(03)00048-7
- Hair, J. F., & Black, W.C. (2000). Cluster analysis. In L. Grimm & P. R. Yarnold (Eds.), *Reading and understanding more multivariate statistics* (pp. 147-205). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hartup, W. W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development, 67*, 1-13.
- Hartup, W. W., French, D. C., Laursen, B., & Johnston, M. K. (1993). Conflict and friendship relations in middle childhood: Behavior in a closed-field situation. *Child Development, 64*, 445-454.
- Hartup, W. W., & Laursen, B. (1989). *Contextual constraints and children's friendship relations*. Paper apresentado em Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Kansas City, MO. <http://www.eric.ed.gov/contentdelivery/servlet/ERICServlet?accno=ED310848>
- Hartup, W. W., & Stevens, N. (1997). Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin, 121*, 355-370.
- Haselager, G. J. T., Hartup, W. W., van Lieshout, C. F. M., & Riksen-Walraven, J. M. A. (1998). Similarities between friends and nonfriends in middle childhood. *Child Development, 69*, 1198-1208. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06167.x
- Hiatt, C., Laursen, B., Mooney, K. S., & Rubin, K. H. (2015). Forms of friendship: A person-centered assessment of the quality, stability, and outcomes of different types of adolescent friends. *Personality and Individual Differences, 77*, 149-155. doi: 10.1016/j.paid.2014.12.051
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development, 54*, 1041-1053. doi: 10.1111/1467-8624.ep12432775
- Laursen, B. (1995). Conflict and social interaction in adolescent relationships. *Journal of Research on Adolescence, 5*, 55-70. doi: 10.1207/s15327795jra0501\_3

- Laursen, B. (2005). Dyadic and group perspectives on close relationships. *International Journal of Behavioral Development, 29*, 97-100. doi: 10.1080/01650250444000450
- Laursen, B., Finkelstein, B. D., & Betts, N. T. (2001). A developmental meta-analysis of peer conflict resolution. *Developmental Review, 21*, 423-449. doi: 10.1006/drev.2000.0531
- Laursen, B., & Mooney, K. S. (2005). Why do friends matter?. *Human Development, 48*, 323-326. doi: 10.1159/000086878
- Laursen, B., & Pursell, G. (2009). Conflict in peer relationships. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 267-286). New York, NY: Guilford Press.
- Maccoby, E. E. (1995). The two sexes and their social systems. In P. Moen, G. H. Elder Jr., & K. Luescher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 347-364). Washington, DC: American Psychological Association.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement, 31*, 130-132. doi: 10.1037/h0087080
- Menzer, M. M., Oh, W., McDonald, K. L., Rubin, K. H., & Dashiell-Aje, E. (2010). Behavioral correlates of peer exclusion and victimization of East Asian American and European American young adolescents. *Asian American Journal of Psychology, 1*, 290-302. doi: 10.1037/a0022085
- Nangle, D. W., Erdley, C. A., Newman, J. E., Mason, C. A., & Carpenter, E. M. (2003). Popularity, friendship quantity, and friendship quality: Interactive influences on children's loneliness and depression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*, 546-555.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 117*, 306-347. doi: 10.1037/0033-2909.117.2.306
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1998). The developmental significance of children's friendship relations. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 289-321). New York, NY: Cambridge University Press.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology, 29*, 611-621.
- Parker, J. G., Rubin, K. H., Erath, S. A., Wojslawowicz, J. C., & Buskirk, A. A. (2006). Peer relationships, child development, and adjustment: A developmental psychopathology perspective. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology. Vol 1: Theory and method* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 419-493). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Poulin, F., Dishion, T. J., & Haas, E. (1999). The peer influence paradox: Friendship quality and deviancy training within male adolescent friendships. *Merrill-Palmer Quarterly, 45*, 42-61.
- Rose, A. J. (2002). Co-rumination in the friendships of girls and boys. *Child Development, 73*, 1830-1843. doi: 10.1111/1467-8624.00509
- Rose, A. J., & Asher, S. R. (2004). Children's strategies and goals in response to help-giving and help-seeking tasks within a friendship. *Child Development, 75*, 749-763. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00704.x
- Rose, A. J., & Rudolph, K. D. (2006). A review of sex differences in peer relationship processes: Potential trade-offs for the emotional and behavioral development of girls and boys. *Psychological Bulletin, 132*, 98-131. doi: 10.1037/0033-2909.132.1.98
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Bowker, J. C. (2015). Children in peer groups. In R. M. Lerner (Series Ed.), M. H. Bornstein, & T. Leventhal (Volume Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science. Vol. 4: Ecological settings and processes* (7<sup>th</sup> ed., pp. 175-222). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.

- Rubin, K. H., & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly*, *50*, 506-534. doi: 10.1037/a0012954
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., Chen, X., Buskirk, A. A., & Wojslawowicz, J. D. (2005). Peer relationships in childhood. In M. H. Bornstein & M. E. Lamb (Eds.), *Developmental psychology: An advanced textbook* (5<sup>th</sup> ed., pp. 469-512). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, *24*, 326-256. doi: 10.1177/0265407509346420
- Rubin, K. H., Fredstrom, B., & Bowker, J. (2008). Future directions in... Friendship in childhood and early adolescence. *Social Development*, *17*, 1085-1096. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00445.x
- Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/ withdrawn children: Prevalence, stability and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *34*, 143-157. doi: 10.1007/s10802-005-9017-4
- Selman, R. (1980). *The growth of interpersonal understanding*. New York, NY: Academic Press.
- Simpkins, S. D., & Parke, R. D. (2002). Do friends and nonfriends behave differently? A social relations analysis of children's behavior. *Merrill-Palmer Quarterly*, *48*, 263-283.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Tomada, G., Schneider, B. H., & Fonzi, A. (2002). Verbal and nonverbal interactions of four- and five-year-old friends in potential conflict situations. *Journal of Genetic Psychology*, *163*, 327-339.
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, *XXVI*, 435-445.
- Vale, M. C., & Oliveira, G. (s.d.). *Consentimento informado em menores*. <http://www.ceic.pt/documents/20727/57508/Consentimento+Informado+em+Menores/3e12fb83-7a05-4632-baf3-f1a885fb23a5>
- van Lieshout, C. F. M., Cillessen, A. H. N., & Haselager, G. J. T. (1999). Interpersonal support and individual development. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *Relationships as developmental contexts* (pp. 37-60). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Vanhast, J., Luyckx, K., & Goossens, L. (2014). Experiencing loneliness in adolescence: A matter of individual characteristics, negative peer experiences, or both?. *Social Development*, *23*, 100-118. doi: 10.1111/sode.12019
- Vitaro, F., Boivin, M., & Bukowski, W. M. (2009). The role of friendship in child and adolescent psychosocial development. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 568-585). New York, NY: Guilford Press.
- Waldrip, A. M., Malcolm, K. T., & Jensen-Campbell, L. A. (2008). With a little help from your friends: The importance of high-quality friendships on early adolescent adjustment. *Social Development*, *17*, 832-852. doi: 10.1111/j.1467-9507.2008.00476.x
- Way, N., & Greene, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence*, *16*, 293-320. doi: 10.1111/j.1532-7795.2006.00133.x
- Youniss, J. (1980). *Parents and peers in social development: A Piaget-Sullivan perspective*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Zeller, M., Vannatta, K., Schafer, J., & Noll, R. B. (2003). Behavioral reputation: A cross-age perspective. *Developmental Psychology*, *39*, 129-139. doi: 10.1037/0012-1649.39.1.129

### **Friendship quality in adolescence and social adjustment in the peer group**

Friendships in adolescence are fundamental for social, emotional and cognitive development. However, differences in the quality of the relationship with a best friend may also be associated with adolescents' psychosocial adjustment. The goal of this study was to identify different profiles of friendship quality, contrasting them regarding positive and negative features of this relationship, as well as youth's social adjustment in the peer group. 821 participants from 7<sup>th</sup> grade ( $M=13$  years old) reported on their perception of best friendship quality and sociometric nominations assessed social adjustment in the peer group. Three profiles emerged from hierarchical clusters analysis based on positive features of friendship quality, namely high-, medium- and low-quality friendships. Such profiles were significantly different in global quality and in all positive qualitative features of friendship: High-quality friendships were significantly higher in companionship, validation, help, support, intimacy, and conflict resolution strategies, whilst low-quality friendships had significantly lower values in all such dimensions. Sex differences revealed that girls experienced more intimate disclosure and validation and caring within their friendship dyads. Regarding negative features, adolescents in high-quality friendships reported less frequent conflict. As for social adjustment, youth in high quality friendships were considered by peers as the least anxious-withdrawn, excluded and victimized, but the most prosocial and popular/sociable. Participants in low-quality friendships were characterized by opposite scores. Findings highlight the significance of friendship in this developmental period, particularly, regarding friendship quality in young adolescents' social milieu.

**Key words:** Adolescence, Friendship quality, Friendship types, Peer group, Social adjustment.

*Submissão:* 20/01/2017

*Aceitação:* 07/09/2017